Resgate revista Interdisciplinar de Cultura

Raymond Williams, cultura e extensão universitária

Alexandro Henrique Paixão[1]
Anderson Ricardo Trevisan[2]

Raymond Williams, Culture and University Extension

Raymond Williams, Cultura y Extensión Universitaria

Resumo

Este artigo faz um recorte dentro da extensa obra de Raymond Williams para abordar suas experiências intelectuais ligadas à cultura e à extensão universitária. Trata-se de discutir textos do autor pouco conhecidos pelo público brasileiro, majoritariamente produzidos entre 1946 e 1961, em projeto de extensão entre a Universidade de Oxford e a *Workers' Educational Association* (WEA). Para tanto, Williams se valia da literatura e do cinema, numa clivagem sociológica que aparece *Cultura e Sociedade*, datada de 1958, realizada concomitantemente a essa experiência. Trata-se, assim, de explorar um aspecto particular e pouco discutido de Williams, que é a relação entre cultura, universidade e os trabalhos de extensão, tentando pensar as possíveis contribuições do autor para esse debate, ontem e hoje.

Palavras-chave: *Raymond Williams; Extensão universitária; Workers' Educational Association; Crítica Literária; Crítica fílmica.*

1 Doutor em Sociologia, com Pós-Doutorado em Teoria e História Literária, Professor do Departamento de Ciências Sociais na Educação, Faculdade de Educação, Unicamp. E-mail: ahpaixao@unicamp.br

2 Doutor em Sociologia, com Pós-Doutorado em Sociologia e em Teoria e História Literária, Professor do Departamento de Ciências Sociais na Educação, Faculdade de Educação, Unicamp. E-mail: detrevis@unicamp.br. O autor agradece à FAPESP pelo apoio (Processo: 19/23656-5).

Abstract

This article debates Raymond Williams' extensive work to approach his intellectual experiences related to culture and university extension. It deals with texts by the author little known by the Brazilian public, mostly produced between 1946 and 1961, within an extension project between the University of Oxford and the Workers' Educational Association (WEA). For this project Williams drew on literature and cinema, in a sociological cleavage that can be perceived in *Culture and Society*, dated 1958, carried out concomitantly with this experience. Thus, it is a question of exploring a particular and little discussed aspect of Williams, which is the relationship between culture, university and extension work, trying to think about the author's possible contributions to this debate yesterday and today.

Keywords: *Raymond Williams; University Extension; Workers' Educational Association; Literary Criticism; Film Criticism.*

Resumen

Este artículo hace un recorte dentro del extenso trabajo de Raymond Williams para abordar sus experiencias intelectuales relacionadas con la cultura y la extensión universitaria. Se trata de discutir textos del autor poco conocidos por el público brasileño, producido principalmente entre 1946 y 1961, dentro de un proyecto de extensión entre la Universidad de Oxford y la *Workers' Educational Association* (WEA). Para eso Williams utilizó la literatura y el cine, en una división sociológica que se puede ver en *Cultura y Sociedad*, de 1958, llevada a cabo simultáneamente con esta experiencia. Se trata aquí de explorar la relación entre cultura, universidad y trabajo de extensión en Williams, tratando de pensar en las posibles contribuciones del autor a este debate, ayer y hoy.

Palabras clave: *Raymond Williams; Extensión Universitaria; Workers' Educational Association; Crítica literaria; Crítica de cine.*

Introdução

O objetivo deste artigo é enfatizar, dentro da extensa e complexa obra de Raymond Williams, algumas de suas experiências intelectuais ligadas à cultura e à extensão universitária. Isso foi algo que o autor discutiu em diversos textos produzidos na Grã-Bretanha, entre 1946 e 1961, e que são fontes ainda pouco conhecidas pelo público brasileiro, na medida em que se trata de um período da vida e obra do autor galês dedicado à educação de adultos dentro de um projeto de extensão entre a Universidade de Oxford e uma associação chamada *Workers' Educational Association* (WEA). Outra novidade é o fato de uma obra decisiva de Williams, intitulada *Cultura e Sociedade*, datada de 1958, ser uma expressão do trabalho extensionista do autor na educação de adultos, indicando que esse momento de sua trajetória intelectual foi algo decisivo, afinal, *Cultura e Sociedade* é um marco dentro do pensamento crítico ocidental e contemporâneo, sendo orientado pelo debate sobre literatura e sociedade. Como vemos, tais assuntos relacionados a aspectos da vida intelectual inglesa, da universidade e do trabalho de extensão junto à comunidade de adultos carecem de reflexão, algo que este artigo pretende propor.

Partindo dessas ponderações, nossa exposição vai se organizar da seguinte maneira:

1. Apresentaremos em passos rápidos parte dessa experiência extensionista britânica, debatendo a maneira como Williams defendeu a utilização das estruturas educativas existentes na universidade para realizar um projeto e uma formação extensionistas;

2. Abordaremos parte das ações intelectuais de Williams voltadas à criação de novos métodos de aprendizagem, vistos como novas possibilidades frente às necessidades dos estudantes nas classes de adultos. Tais métodos estavam relacionados, por exemplo, ao uso do cinema na sala de aula, o que apresentaremos a partir de suas propostas de aulas tutoriais, mas também de projetos para realizações cinematográficas[3];

3 Os métodos de ensino de Williams não se restringiam ao uso dos filmes, mas enfatizavam também a literatura e sociologia como áreas fundamentais nos processos de aprendizagem.

3. Discutiremos como os Estudos Culturais se apresentaram como uma das consequências do projeto de formação extensionista realizado por Williams. Afirmamos isso apoiados na proposição de que a situação do pós-guerra criou uma nova necessidade social relacionada à educação de adultos. No instante em que essa realidade se impôs, um novo projeto e uma nova formação foram empenhados por intelectuais, como Williams, bem como por instituições universitárias, como a *Oxford University*, e associações, como a WEA, para atendê-la. Toda essa dinâmica e situação resultaram na criação de uma nova disciplina: os Estudos Culturais[4];

4. Com este artigo, não pretendemos situar a obra de Williams em um contexto maior do pós-guerra; também não almejamos tratar de outras experiências intelectuais do ambiente universitário inglês. Na verdade, isso exigiria outra ênfase e direção para as reflexões aqui realizadas, empenhadas em apresentar as diversas contribuições epistemológicas de Williams para o debate da educação de adultos a partir de um caso particular de extensão universitária, que envolvia "projeto" e "formação" (WILLIAMS, 2011b, p. 172).

Projeto e formação, portanto, eram o que buscava parte da universidade britânica quando aprofundou seus trabalhos de extensão já existentes desde pelo menos o século XIX. Williams tem algo a nos contar sobre isso, a respeito de um projeto e uma formação voltados à educação de adultos. Mas quem foi Raymond Williams?

Raymond Williams, cultura e extensão

Raymond Williams nasceu no dia 31 de agosto de 1921, na cidade rural de Llanvihangel Crucorney, próxima da fronteira do País de Gales com a Inglaterra, na região de Pandy. Ele cresceu no interior de uma família de trabalhadores do campo e da cidade, ocupados com questões que envolviam a vida

4 Inspiramo-nos aqui e em outros momentos do artigo no raciocínio do próprio Raymond Williams, em *O futuro dos estudos culturais*, de 1986 (WILLIAMS, 2011b, p. 172).

política e sindical da região. Williams estudou na escola primária de Pandy e, no secundário, na cidade vizinha de Abergavenny. Foi graças aos bons resultados no *grammar school* que Williams conquistou uma bolsa de estudos para realizar o ensino superior em Cambridge, onde fez sua graduação em Língua Inglesa no Trinity College, a partir de 1939 (PAIXÃO, 2019a, p. 6-7).

Tendo o curso universitário interrompido por conta da Segunda Guerra Mundial, o alistamento acabou levando Williams a se tornar um dos oficiais da unidade de tanques de um regimento de artilharia, do qual pediu baixa em 1945 (PAIXÃO, 2019a, p. 7). Foi com o final da Guerra e o retorno a Cambridge para concluir a graduação que Williams alcançou, em seguida, seu primeiro emprego, com um salário de 400 libras anuais, como tutor de adultos em Sussex, no sul da ilha, próximo ao Canal da Mancha, dentro do projeto associativo entre a Universidade de Oxford e a Associação Educacional de Trabalhadores (PAIXÃO, 2019a, p. 8).

Surgia nesse instante uma etapa decisiva: nos próximos quinze anos, de 1946 a 1961, Williams seria tutor de adultos e produziria aulas, métodos de ensino, ensaios, resenhas, projetos fílmicos, todos voltados para educação dos trabalhadores da Grã-Bretanha. Nesse período, Williams produziu obras conhecidas em todo o mundo contemporâneo, como: *Culture and Society* (1958), *The Long Revolution* (1961) e *Britain in the Sixties*: *Communications* (1962). Quando deixou a carreira na educação de adultos, dirigiu-se para a universidade, empenhou-se na criação de uma nova disciplina, os Estudos Culturais, e aposentou-se em Cambridge, em 1983, como professor de Artes Dramáticas (PAIXÃO, 2019a, p. 8-9).

Nesses termos, podemos afirmar que sua obra se divide em dois grandes momentos, o primeiro ligado à educação de adultos e novos métodos de ensino, o segundo à educação superior e ao surgimento de uma nova disciplina. O primeiro projeto de formação, a educação de adultos, condiz com a história da extensão universitária britânica, enquanto o segundo, uma derivação do pri-

meiro, foi criado por Williams e outros intelectuais britânicos, como Richard Hoggart e Stuart Hall, como uma disciplina universitária, para ser realizada para dentro e fora dos espaços educacionais, mantendo, assim, o princípio extensionista. Isso significa que, quando tratamos de educação de adultos e estudos culturais a partir de Williams, estamos falando da curricularização da extensão na Grã-Bretanha, a partir de 1946[5]. Para compreendermos isso, é importante recuperarmos um pouco da história cultural da extensão universitária inglesa.

O trabalho com a extensão na Universidade de Oxford remonta, pelo menos, ao século XIX. Há 140 anos, essa célebre e renomada instituição universitária inglesa vem realizando um trabalho de "educação continuada", a chamada "extensão universitária", que na origem deveria ser um "conjunto de faculdades" espalhadas por toda as províncias inglesas que ofereceriam educação continuada à comunidade local e regional. Esse "projeto de faculdades e cursos", na verdade, não frutificou; em compensação, disso nasceu a extensão universitária, brotando no interior da própria universidade, onde, em determinadas salas de aula, eram oferecidas palestras de conteúdo universitário à comunidade externa, que também colaborava com a organização e realização dos encontros.

No *site* da Universidade de Oxford, referência aqui, temos uma interessante narrativa desses inícios da extensão na Grã-Bretanha, merecendo destaque o ano de 1892, quando surgiu um "Comitê Permanente da Universidade, que seria encarregado das Palestras de Extensão"[6]. O departamento extramuros surgia aí, na forma de uma delegação chamada "Delegacia para a Extensão do Ensino Além dos Limites da Universidade"[7]. A *Oxford Extension*, como

5 A exposição do problema de cultura e extensão foi realizada, pela primeira vez, no evento da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEC) da Unicamp, intitulado *Desafios da Cultura e da Extensão na Universidade*, em 2019 (PAIXÃO, 2019b).

6 O que está sendo apresentado aqui acerca de toda uma história da extensão universitária de Oxford foi baseado no *site The History of Oxford Continuing Education* (2020).

7 Esse foi o primeiro nome oficial do Departamento extramuros e era abrigado dentro dos quadros administrativos da Universidade de Oxford, embora contasse também com a colaboração e organização, é importante destacar, das pessoas da comunidade local e regional; logo, não se restringia apenas a professores e estudantes universitários. Conferir o *site The History of Oxford Continuing Education* (2020).

foi chamada na época, nasceu e permaneceu durante anos com propósitos universitários de educação continuada estendida à comunidade externa, só que dentro dos seus muros, defendendo o protagonismo acadêmico, embora contasse com a colaboração de pessoas de fora da Universidade, em sua maioria de trabalhadores e estudantes, que assistiam às palestras.

Estamos em 1900, e os anos que se seguem trazem grandes feitos da *Oxford University Extension*, sobretudo por acolher um número bastante significativo de mulheres em suas salas de aula para assistir às palestras. Mas é importante destacar que o protagonismo continuava sendo de uma "delegação universitária", embora já existissem anseios e cobranças para que isso mudasse, porque os trabalhos de extensão dependiam da participação intensa da comunidade e parecia ser decisivo contar com a ação e realização de pessoas sem títulos acadêmicos junto à delegação de universitários.

A esperada mudança nos trabalhos de extensão ocorreu, de fato, no ano de 1908, quando foi formado um "Comitê Conjunto entre a Universidade e representantes de associações de trabalhadores". A extensão universitária deixava de ser um patrimônio da universidade para ser compartilhado com associações voltadas à formação da classe trabalhadora. A *Workers' Educational Association* foi uma das primeiras parceiras escolhidas para realizar esse trabalho compartilhado de formação da comunidade extramuros. Porém, não se tratava apenas de uma alteração organizacional, houve também uma mudança na forma da extensão: não haveria mais palestras universitárias, mas aulas tutoriais.

Como podemos observar, a extensão deixava de ser uma experiência ligada somente à estrutura educativa acadêmica para se apoiar em outros processos educacionais não formais, oferecidos pelas associações de trabalhadores. Todavia, o que se manteve foi a realização do trabalho de extensão dentro dos domínios da educação. Naquele momento, pensar em extensão era pensar em educação, na verdade, em "educação continuada": essa era a "estrutura

de sentimento" ou a "cultura" daquele momento vividas pela universidade e pelas associações locais e regionais que reuniam parcelas significativas de trabalhadores.

Cultura aqui é sinônimo de modo de vida compartilhado ou comum de uma determinada sociedade. Nesse sentido, podemos pensar a extensão como parte da cultura de uma determinada época, envolvendo certos grupos estratégicos e quadros administrativos universitários e associativos. Sentimos a força dessa cultura extensionista quando lemos os textos de Raymond Williams escritos entre 1946 e 1961, merecendo destaque três títulos em especial:

1. O primeiro se chama *Três anos difíceis: um comentário sobre a aula tutorial*. Trata-se de um trabalho de fonte desconhecida, datilografado e sem data. O manuscrito é um comentário, em forma de advertência, a respeito da peculiaridade das classes tutoriais de adultos, com seu currículo e tempo/espaço de formação específicos, diferentemente das condições de formação dos cursos de graduação universitários. A crítica de Williams neste texto é sobre os órgãos governamentais, que regulam ou participam da educação de adultos, mas não fazem distinção entre as classes tutorais e o ensino superior (PAIXÃO, 2019a, p. 14).

2. O segundo título, *Abandonando a palestra – método de discussão para as aulas de literatura de adultos*, é de um trabalho publicado em 1950, mas a fonte é desconhecida. É dele que trataremos mais neste artigo, sendo importante mencionar, antecipadamente, que se trata de um impresso que nos ajuda a aprofundar aquilo que Williams introduziu no primeiro texto, acerca da peculiaridade da educação de adultos em relação ao ensino superior. Contudo, aqui, ele agrega dois novos elementos: o primeiro se refere à diferença entre a "palestra", característica das aulas na extensão universitária, e o "ensino" focado no estudante, próprio das tutorias; o segundo aborda os métodos de ensino de literatura associados à crítica sociológica, orientados pela "discussão" (PAIXÃO, 2019a, p. 14-15).

3. Por fim, destacamos o último título, *Uma Democracia Educada*, datado de 1959, publicado no periódico londrino *Socialist Commentary*. Ele

> é de caráter mais político e examina cuidadosamente o universo das tomadas de decisões que afetam a educação inglesa voltada à classe trabalhadora, um assunto que Williams apenas indicou no primeiro texto e que aqui é aprofundado (PAIXÃO, 2019a, p. 15)[8].

Partindo dessas ponderações, o que esses e outros trabalhos de Williams estão tratando nesse momento específico dos anos 1950 é como se deram as ações no universo da extensão universitária em solo inglês e as suas mudanças, relacionadas, sobretudo, a uma revisão e readequação da forma e formato da extensão, que levou a abandonar as palestras e a primazia dos docentes e adotar as aulas tutoriais e o protagonismo dos estudantes e da comunidade externa nos processos de aprendizagem e desenvolvimento nas classes de adultos. Para matizar esse ponto, vejamos algumas ideias do autor sobre esse assunto:

> Se olharmos retrospectivamente a participação das universidades na educação de adultos, podemos perceber que a própria divisão entre cursos de *extensão* e aulas *tutoriais* exprime uma diferença fundamental de valores. *Extensão*, em si mesma, é apenas: um conjunto de palestras que estendem o conteúdo universitário para um público mais amplo. Mas o que as palestras de extensão têm frequentemente estendido é a pior parte do ensino universitário interno – o convencional modelo de palestra "*delivery*", seguido ou não por questões de fato e pela enunciação de pontos de vista desconexos.
>
> Já a aula *tutorial*, por outro lado, estende a tradição, particularmente associada a Oxford e Cambridge, do ensino que tem o aluno como ponto de partida e o modela e remodela para atender tanto às suas necessidades quanto aos padrões do tutor e da instituição de que faz parte. A supervisão individual poderia não ser facilmente estendida, mas a essência de seu método, ainda que abafado pela força dos números ou pela parcimônia oficial, não

8 Para consultar os textos de Williams na íntegra, conferir Paixão (2019c).

> se deixa abater por demais dificuldades. A finalidade das aulas é o estudo muito focado ("*close study*") de um assunto escolhido em conjunto por um grupo limitado de adultos, que estão se relacionando pessoalmente e continuamente com um tutor habilitado.
>
> O método para cada aula é em essência flexível, limitado somente pela conformidade com o assunto estudado. O tutor precisa, assim, adaptar sua forma de ensinar com base nas reais capacidades e dificuldades dos seus estudantes, e emoldurar as aulas em compasso com isso. Nesse processo, os estudantes exercem um papel ativo e determinante.
>
> ... A boa aula tutorial, de fato, não é apenas o contraponto à má palestra de extensão. A autoridade que uma boa aula cria não é aquela dos estudantes, nem mesmo a do tutor, mas provém do grupo em si – a própria corporificação da tutoria. O processo de criação dessa autoridade, e os meios da educação tutorial, é o que eu chamo de discussão. (WILLIAMS, 2019, p. 35-38)

O texto prossegue com Williams apresentando a maneira como se desenvolve a prática da discussão nas aulas de literatura e exemplos de cursos de curta duração. Todavia, a ênfase maior é em como é possível realizar uma educação tutorial da comunidade. Para ele, fosse a extensão ou agora o novo modelo das aulas tutoriais, a contribuição deveria se dar por meio de uma educação que formasse diferentes grupos humanos, algo que reforçasse os padrões de humanidade, e que fosse oferecido dentro e fora dos espaços educacionais universitários: trata-se de uma verdadeira experiência não formal de educação, afinal, oferece-se "meios educativos que não se restrinjam somente aos escolares" (GARCIA, 2008, p. 67). Tais meios Williams encontrava na educação de adultos, mas também nos estudos culturais, visto como um novo projeto de formação extensionista.

Não que a educação de adultos, como um trabalho extensionista de aulas tutoriais, não atendesse às necessidades sociais de determinados grupos dentro

e fora da universidade, mas era preciso abarcar mais. Os Estudos Culturais, como uma disciplina nova, deveriam ter um caráter interdisciplinar e extensionista, e se construírem como um projeto, porque apresentavam novos planos de aprendizagem e objetivos para alcançá-los; e uma formação, porque queriam criar novas condições sociais para aqueles que estivessem inscritos nesse processo de aprendizagem e desenvolvimento humano.

Aquilo, portanto, que começou como *Oxford University Extension*, no final do século XIX se transformou no Comitê Conjunto entre a universidade e a WEA, e elaborou uma nova forma de ensino ou educação continuada, as aulas tutoriais na educação de adultos. Com o advento de novas necessidades e novas possibilidades, foi necessário criar um projeto e formação específicos, reunidos numa única disciplina: a dos Estudos Culturais[9]. Foi um verdadeiro processo continuado de mudança, e o que agora essa disciplina almejava era, na verdade, uma educação majoritariamente democrática, algo que alcançasse a todos e não apenas adultos trabalhadores da educação continuada. Eis, portanto, a nova necessidade social revelada à época e que precisamos enfatizar antes de passar à explicação dos métodos de ensino de Williams ligados ao cinema. Ele considerava que a educação de adultos era um acontecimento democrático que deveria ser estendido a toda sociedade britânica por meio de uma nova disciplina extensionista, os Estudos Culturais, que deveria acontecer em espaços educacionais ou não, visando realizar uma sociedade mais educada e participativa.

Era um grande desafio para os grupos intelectuais e associativos depositar os novos anseios democráticos na educação continuada, promovida pelos Estudos Culturais, em 1960. Tanto que Williams se perguntava quem acreditava na democracia daquele momento a ponto de defender novos projetos e formações que estariam fundados numa disciplina, consequentemente, num currículo extensionista. Indaga o autor:

9 Para uma história da disciplina Estudos Culturais, conferir Williams (2011b, p. 171-187); ver também Cevasco (2003).

> Quem então acreditaria na democracia? A resposta é bem simples: as milhões de pessoas na Inglaterra que ainda não têm acesso à democracia, onde trabalham e vivem. Como sempre, há uma energia transformadora e o negócio do intelectual socialista é o que sempre foi: atacar as travas da energia – nas relações industriais, na administração pública, na educação, para começar; e trabalhar para o seu próprio campo para que essa *energia*, como dissemos, possa ser concentrada e fertilizada. (WILLIAMS, 2015, p. 27)

Observa-se que as certezas e garantias democráticas não eram muitas no tempo de Raymond Williams, pois, se essa democracia não existia ainda, de onde ele extraía forças para defendê-la como uma nova necessidade, conforme acabamos de ler nesse trecho do ensaio "A cultura é algo comum", de 1958? Arriscamos dizer que ele reconhece essa nova energia democrática nos projetos coletivos, políticos e intelectuais (PAIXÃO, 2018, p. 1017), que vinham se desenvolvendo na sociedade britânica desde, pelo menos, 1908, até alcançar os anos de 1960. Mas o que aconteceu em 1908 e 1960, especificamente?

Lembramos que foi no ano de 1908 que a *Workers' Educational Association* uniu-se à Universidade de Oxford para realizar o Departamento Extramuros de Educação de Adultos, enquanto em 1960 se criou a *Open University*, como um programa curricular genuinamente aberto e educacional, garantindo o acesso popular à universidade. Da universidade aberta e sua relação com os Estudos Culturais não temos elementos nem dados suficientes para tratar agora, por isso continuaremos nossa reflexão nos limitando à relação desses últimos com a educação de adultos, pois o que havia em comum entre as aulas tutoriais da educação de adultos e a nova disciplina não era a educação formal superior, mas a ação universitária de caráter extensionista. Em parceria com as associações e a comunidade externa, buscava-se uma educação não formal com feições "humanísticas", porque "aprender era uma experiência comum, aprendíamos onde podíamos", comenta Williams (2015, p. 6). E para aprender em qualquer espaço ou lugar comum, seja na universidade,

seja na comunidade, era preciso criar métodos e instrumentos de aprendizagem. Assim como uma nova disciplina de caráter extensionista expunha uma energia democrática e de mudança dentro do currículo universitário, outro método de ensino, agora relacionado ao cinema, se apresentava como uma ferramenta de ensino de caráter democrático e com vistas à socialização e aprendizagem dos trabalhadores.

Cinema e educação de adultos

Ainda que os estudos de Williams sobre teatro ou literatura sejam marcantes em sua trajetória, discussões e práticas sobre o uso de filmes como tema de aulas tutoriais o acompanharam durante toda sua vida[10]. Nos anos de 1950, tempo em que trabalhou com adultos em Sussex, teve a oportunidade de realizar muitas experiências com a utilização de filmes com os estudantes, criando, com isso, um método que foi sistematizado no artigo *Film as a tutorial subject*, de 1953, sobre o qual falaremos agora.

Segundo Williams, até 1950 a literatura tinha espaço privilegiado no universo da educação de adultos, sobretudo aquela de cunho crítico feita no século XIX (WILLIAMS, 1953, p. 27). Como sabemos, o próprio autor via a literatura como uma ferramenta educativa. No entanto, devido ao convite que recebeu da WEA, em 1950, para preparar um curso tutorial sobre filmes para adultos em Battle, Williams se sentiu compelido a criar, partindo de sua experiência com os textos literários, um método que envolvesse a análise fílmica como parte do processo formativo. Mas não é apenas da literatura que Williams parte, ele insere o filme na tradição dramática e isso demanda realizar uma interpretação do filme como algo que "desenha sobre palavras", que é "essencialmente visual", diferente, portanto, da literatura (WILLIAMS, 1953, p. 32). Dessa maneira, valendo-se da sua experiência com a análise literária e da tradição visual e dramática do teatro, Williams propunha a criação de um

10 Desenvolvemos esse assunto em Paixão e Trevisan (2019).

método específico de análise para os objetos cinematográficos, sob a forma de uma crítica fílmica.

Assim como acontece com a literatura, diz Williams, a crítica fílmica depende de um treinamento com os estudantes para o desenvolvimento da atenção e compreensão dos filmes. Diferente da literatura, em que o leitor pode voltar a página e praticar o "*close reading*", para os filmes projetados outro tipo de olhar deve ser construído. A solução encontrada por ele foi aplicar exercícios de análise a partir de filmes curtos ou trechos (*filmshows*) que deveriam ser discutidos em aula e registrados na forma escrita, o que aos poucos forneceria aos estudantes habilidade para descrever de forma precisa todo o conteúdo assistido (WILLIAMS, 1953, p. 32-33). A memorização e observação dos conteúdos se beneficiariam, no começo do treinamento, do trabalho com fragmentos fílmicos. Em seu artigo, Williams traz um exemplo extraído de uma de suas aulas, em que um estudante faz a descrição de uma sequência de *Mother* (1926), de Pudovkin, no qual já se percebia um aprimoramento da observação e da memória. Williams conduzia esse tipo de treinamento durante as primeiras oito semanas do curso, quando eram passadas aos estudantes conceitos e informações técnicas sobre o mundo do cinema necessários para a crítica fílmica (WILLIAMS, 1953, p. 34).

Após esse treinamento inicial com filmes curtos ou fragmentos, os estudantes começavam a trabalhar a partir de filmes completos, o que acontecia a cada dois encontros, quando então podiam falar sobre os longas assistidos – afinal, segundo Williams, discuti-los na mesma aula em que eles foram exibidos era exaustivo e os resultados da crítica fílmica eram pouco satisfatórios. A avaliação era feita a partir dos textos produzidos pelos estudantes, que eram lidos e comentados por Williams e se tornavam a base para a retomada dos trabalhos, quando trechos dos filmes eram reexibidos para o grupo. Próximo ao final do curso, após intenso treinamento com filmes completos em sala de aula, os estudantes eram estimulados a ir ao cinema para colocar em prática

essa observação crítica, que posteriormente deveriam registrar em forma de texto (WILLIAMS, 1953, p. 34). Portanto, o método prevê, necessariamente, o registro escrito da experiência fílmica.

Para Williams, esse tipo de formação extrapolava a mera noção de crítica fílmica (*film criticism*) e se convertia, de algum modo, em uma sociologia do filme: "Eu penso que certa parte do treinamento em crítica que descrevi seria algo necessário até mesmo em um curso de sociologia" (WILLIAMS, 1953, p. 35)[11]. Ao englobar a Sociologia nesse treinamento na educação de adultos, Williams percebia uma possibilidade de extrapolar o universo interno dos filmes para abordar elementos externos como a recepção ou percepção fílmica, o que envolvia o espaço social onde eram exibidos, que poderiam influenciar os modos de como eram vistos e compreendidos.

O cinema, portanto, deve ser visto como uma instituição social, algo que já teria sido apontado, segundo Williams, por Kracauer em seu livro *De Caligari a Hitler*, onde levantou importantes hipóteses sobre essa questão (WILLIAMS, 1953, p. 35).

Para Williams, o olhar sociológico seria um incremento indispensável à crítica fílmica, por permitir a realização de uma leitura interna dos filmes combinada com elementos externos a eles (público, percepção, ambientes, contextos sociais e políticos). E, para o autor, isso não deveria ser algo restrito ao mundo universitário, mas também fundamental como incremento dos processos de aprendizagem nas aulas de adultos.

Por essa razão, para além das aulas tutoriais, em que utilizava filmes como os de Fellini, Kurosawa, Bergman ou Godard, Williams almejava também produzir material cinematográfico para fins educacionais. No começo dos anos de 1950, ele se associou ao cineasta britânico Michael Orrom na criação do selo intitulado *Film Drama Ltd.*, pelo qual publicaram o livro *Preface to Film* (WILLIAMS;

11 "I think that a certain part of training in criticism which I have described would be necessary even in the sociology course".

ORROM, 1954), que apresenta elementos para se pensar o cinema como um desenvolvimento da tradição dramática vinda do teatro. Por esta empresa, pretendiam ainda produzir filmes, mas tais projetos jamais foram concretizados, restando deles apenas roteiros e manuscritos em acervos britânicos[12].

Segundo Dana Polan, Williams já demonstrava interesse pelo cinema em 1930, quando foi estudar em Cambridge e teve contato com a "modernidade metropolitana", a vida cultural estudantil e, neste mesmo período, conheceu Michael Orrom (POLAN, 2013, p. 3). Ambos faziam parte do Clube Socialista onde eram exibidos filmes do expressionismo alemão e clássicos soviéticos (ORROM, 1994, p. 10). A crença daquela geração, segundo Polan, era que o cinema era a suprema arte da modernidade, fascinando os jovens por seu potencial revolucionário (POLAN, 2013, p. 3). Orrom conta que, ao mesmo tempo em que ele teria introduzido Williams no mundo dos filmes, ele teria sido apresentado à vida da classe trabalhadora por Williams (ORROM, 1994, p. 14).

Afastados pela Segunda Guerra Mundial, em que ambos serviram, os jovens britânicos se reencontraram em 1947 e começaram a trabalhar no que seria um documentário sobre o impacto da modernização do campo na vida das comunidades britânicas. O roteiro, que jamais chegou a ser filmado, foi intitulado *Effect of machine on the countryman's work, life, and Community* (WILLIAMS, s. d.). A ideia era que o filme fosse dirigido por Paul Rotha, importante nome do cinema britânico da época, mas por vários motivos, ele desistiu do projeto (POLAN, 2013, p. 14)[13]. Além disso, o *Central Office of Information* (COI), instituição que incialmente demonstrou interesse pelo projeto, buscava um documentário que se circunscrevesse a mostrar o desenvolvimento da maquinaria agrícola, e não sobre um filme que discutisse questões de caráter mais sociológico sobre o assunto, o que fez com que o filme não fosse adiante (ORROM, 1994, p. 16).

12 Conferir Swansea University (2020). *Raymond Williams Collection* – Richard Burton Archives.

13 Paul Rotha foi um discípulo de Grierson, com quem começou a trabalhar em 1937 (ZOË; WILLIAMS, 2014, p. 17). Grierson se tornou uma figura reverenciada, quase mística, e parte disso aconteceu por obra dos esforços de "griersonianos", como Paul Rotha (AUFDERHEIDE, 2007, p. 36).

Um segundo projeto, pensado para ser produzido pela *Film Drama Ltd.*, foi *A dance of seeing* – mais tarde chamado *Legend* (WILLIAMS, 1955) -, filme de ficção que também não chegou a ser filmado, em parte por conta do alto custo de produção aos olhos do *British Experimental Film Institute* (BEFI), que iria financiá-lo (ORROM, 1994, p. 22-25)[14].

Como se sabe, Williams também escrevia romances e alguns deles, não concluídos, se converteram em roteiros de filmes. Foi esse o caso de *Adamson*, iniciado por Williams quando morava próximo aos penhascos de Seaford (East Sussex, Inglaterra). O primeiro capítulo desse romance começou a ser pensado por Williams como possível roteiro em janeiro de 1957 (WILLIAMS, 195-). No entanto, segundo testemunho de Orrom, o projeto não caminhou e Williams abandonou os planos, bem como a amizade entre eles, sem maiores explicações (ORROM, 1994, p. 26-29). Muito se especula sobre a reorientação de Williams acerca do projeto junto a Orrom. Entre eles, a dedicação à publicação de *Cultura e sociedade*, em 1958 (WILLIAMS, 2011c), parece ter sido algo decisivo. Porém, como observa Dana Polan (2013, p. 5), Williams também reclamava sobre as dificuldades de financiamento para as produções cinematográficas de caráter experimental como as que pretendia realizar.

De qualquer forma, o que importa aqui é destacar o espaço privilegiado do cinema na vida e na obra de Raymond Williams, o que se comprova por sua retomada nos anos de 1960, a partir dos trabalhos realizados em Cambridge e na publicação do artigo sobre o filme de Ingmar Bergman, *Morangos silvestres* (MORANGOS..., 1957), em *Drama em cena*[15].

Em 1971, Williams escreve que o cinema devia ser pensado como uma forma de arte tão importante quanto a literatura ou o teatro, mas com a particularidade de ter, entre seus artistas, particularmente pessoas das classes popula-

14 O roteiro completo pode ser consultado em Swansea University (2020), *Raymond Williams Collection/Richard Burton Archives.*

15 A primeira edição do livro saiu em 1954, mas apenas em sua segunda edição é que aparece a referida análise (WILLIAMS, 2010).

res. Além disso, o cinema expressaria uma alteração de sentimento (*alteration of feeling*) (WILLIAMS, 1971, p. 634-635) que permitia se pensar na mudança social – nesse caso, referindo-se às possibilidades advindas da montagem realizada pelo cinema russo (WILLIAMS, 1971, p. 635). Williams explica que na sua juventude havia a crença compartilhada de que a montagem estava intimamente relacionada ao movimento revolucionário do pensamento (WILLIAMS, 2011a, p. 117).

Segundo Dana Polan (2013, p. 11), Williams "redescobre" o cinema em Cambridge, em 1961, a partir de suas experiências com os universitários que consideravam o cinema como "a arte de seu momento sociocultural". Acontecia neste momento também, a disciplina Estudos Culturais dentro de um projeto e uma formação que remonta à educação de adultos, onde teve início a formulação de uma teoria do cinema e a elaboração de novos métodos de ensino por Williams, algo central na realização de uma "educação democrática majoritária", seja de estudantes universitários, seja de estudantes adultos trabalhadores.

Considerações finais

À guisa de conclusão, ressaltamos que numa sociedade recém-saída da guerra, isto é, num ambiente de sobreviventes, a luta para aprender, descrever, compreender, educar, passa a ser uma parte central e necessária para um novo crescimento e desenvolvimento da sociedade que esteve recentemente à beira do colapso. Isso significou que um dos desafios do pós-guerra, para um projeto e formação democráticos, era fazer uso da comunicação e educação, não para controle político ou lucro comercial, mas para expandir as capacidades dos homens e mulheres de aprender e trocar ideias e experiências, sendo os filmes nas aulas tutorias um instrumento crítico e primordial.

Uma das crises e dilemas do pós-guerra era, de um lado, o progresso em larga escala dos meios de comunicação enquanto, de outro, os homens e mulheres,

a despeito de tanta informação circulando, não saberem nem conseguirem se comunicar sobre coisas em comum, como seus hábitos, seus gostos, suas ideias, suas emoções etc. (WILLIAMS, 1962, p. 9-13).

Mas o que uma disciplina extensionista e um método fílmico podiam fazer para tentar resolver o problema da comunicação? Williams sugere aulas tutoriais que combinassem os métodos fílmicos como formas democráticas de aprendizagem. Contudo, como a disciplina Estudos Culturais defendia um currículo interdisciplinar, lembramos que a literatura e a sociologia eram bastante priorizadas por Williams nas aulas de adultos.

De qualquer maneira, a ênfase no ensino ligado à extensão universitária estava nos problemas derivados da comunicação social e relacionados à transmissão de informações, à recepção, às respostas, sendo que os filmes eram mais que bem-vindos enquanto uma ferramenta pedagógica e de transformação social.

Todas essas mudanças faziam parte daquilo que Williams compreendia como uma longa revolução cultural, que exigia processos de aprendizagem adequados para abarcá-los. Em contrapartida, determinadas situações persistiam contraditoriamente aos avanços dos meios técnicos, como a realidade de milhões de pessoas que não sabiam nem ler e nem escrever, ou simplesmente, não tinham acessos aos bens culturais, como o cinema, mesmo em países mais "avançados". Expandir os meios de comunicação e educação a toda população, especialmente após a Segunda Guerra, tornara-se um desafio para sociedades em reconstrução e dotadas de anseios democráticos, como a inglesa vista por Williams.

Para Williams, portanto, o mundo do pós-guerra é um mundo em reconstrução, o que não deixa de ser um mundo novo. E uma das novidades são os novos meios técnicos de comunicação, como o rádio, a televisão e o cinema:

> Os meios técnicos são difíceis o bastante, mas a maior dificuldade é aceitar, profundamente em nossas concep-

> ções, os valores de que eles dependem: que as pessoas comuns possam governar; que a cultura e educação são questões comuns, ordinárias. (WILLIAMS, 2015, p. 27-28)

Se a cultura, educação e, também, a extensão são questões ordinárias, genuinamente comuns ou compartilhadas por todos nós, por que não reconhecermos isso, digamos, seu caráter popular e trabalharmos para sua expansão?

Nossa cota de humanidade se constrói a partir dessa cultura em comum, sendo que essa se resume em nossa luta constante pela descrição, compreensão, aprendizado e ação. Eis o projeto e a formação que coube aos Estudos Culturais no tempo de Williams, colocando-nos como questão a forma como criaremos essa energia de mudança hoje, através de trabalhos extensionistas como os dos Estudos Culturais, que nasceram da educação de adultos.

Williams sabia que a educação de adultos, estendida aos Estudos Culturais, poderia fazer algo pela educação de toda a sociedade. Nesse sentido, o que os Estudos Culturais e os métodos fílmicos, como projetos de cultura e extensão, podem fazer pela nossa universidade e pela comunidade hoje? Lendo Williams no século XXI, sentimos que a resposta pode estar em reconhecermos quais são as nossas novas necessidades e possibilidades, algo que novos projetos e formações podem nos ajudar a sonhar.

Referências

AUFDERHEIDE, Patricia. *Documentary film*: a very short introduction. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

GARCIA, Valeria Aroeira. O papel da questão social e da educação não-formal nas discussões e ações educacionais. *Revista de Ciências da Educação*, Americana, ano X, n. 18, p. 65-97, 2008.

MORANGOS silvestres. Direção: Ingmar Bergman. Produção: Allan Ekelund. Estocolmo: [*s. n.*], 1957. 1 filme. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0050986/?ref_=nv_sr_srsg_0>. Acesso em: 25 maio 2020.

MOTHER. Direção: Vsevolod Pudovkin. Roteiro: Maxim Gorky; Nathan Zarkhi. Moscou: Mezhrabpomfilm, 1926. 1 filme. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt0017128/?ref_=fn_al_tt_1>. Acesso em: 25 maio 2020.

ORROM, Michael. *The new cinema***.** Swansea-UK: [s. n.], 1994. (Richard Burton Archives, WWE/2/4/1). Mimeografado.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. Apresentação. *In*: PAIXÃO, Alexandro Henrique (Org.). *Raymond Williams & educação*: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino. Campinas: FE/UNICAMP, 2019a. p. 5-16.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. Papel da extensão e da cultura no pós-guerra, a partir dos tutoriais de Raymond Williams – aulas para adultos, no departamento extra-muros da Universidade de Oxford. *In*: DESAFIOS DA CULTURA E DA EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE, 1., 2019, Campinas. *Palestra*. Campinas: Unicamp, 2019b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C5lKjvd89Fg>. Acesso em: 25 maio 2020.

PAIXÃO, Alexandro Henrique (Org.). *Raymond Williams & educação*: coletânea de textos sobre extensão, tutoria, currículo e métodos de ensino. Campinas: FE/UNICAMP, 2019c. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=001091920>. Acesso em: 25 maio 2020.

PAIXÃO, Alexandro Henrique. Raymond Williams e a educação democrática. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 39, n. 145, p. 1004-1022, dez. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302018000401004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2020.

PAIXÃO, Alexandro Henrique; TREVISAN, Anderson Ricardo. Cinema educativo em cena: Raymond Williams, análise fílmica e produção de um saber. *ETD – Educação Temática Digital*, Campinas, v. 21, n. 3, p. 738-759, jun. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/etd.v21i3.8652292>. Acesso em: 25 maio 2020.

POLAN, Dana. Raymond Williams on film. *Cinema Journal*. Austin: University of Texas Press, v. 52, n. 3, p. 1-18, spring 2013.

SWANSEA UNIVERSITY (United Kingdom). ARQUIVES HUB: Raymond Williams Collection/Richard Burton Archives. Swansea-UK, 2020. Disponível em: <https://archiveshub.jisc.ac.uk/search/archives/bcb0f9ef-f287-3e6a-a544-f2bb2c277f73>. Acesso em: 25 maio 2020.

THE HISTORY of Oxford Continuing Education, Oxford, 2020. 1 sítio eletrônico. Disponível em: <https://www.conted.ox.ac.uk/about/our-history>. Acesso em: 25 maio 2020.

WILLIAMS, Raymond. A cultura é algo comum. *In*: WILLIAMS, Raymond. *Recursos da esperança*: cultura, democracia, socialismo. São Paulo: Editora Unesp, 2015. p. 3-28.

WILLIAMS, Raymond. *Adamson*. Swansea-UK: [*s. n.*], [195-]. (Richard Burton Archives, WWE/2/1/1/1). Texto datilografado com anotações manuscritas.

WILLIAMS, Raymond. *Britain in the Sixties*: communications. Baltimore: Md. Penguin Books, 1962.

WILLIAMS, Raymond. Cinema e socialismo. *In:* WILLIAMS, Raymond. *Política do modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011a. p. 109-125.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade*: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011c.

WILLIAMS, Raymond**.** *Culture and society*, 1780-1950. New York: Columbia University Press, 1958.

WILLIAMS, Raymond. *Drama em cena*. São Paulo: Cosac Naif, 2010.

WILLIAMS, Raymond. *Effect of machine on the countryman's work, life, and community*. Swansea-UK: [*s. n*], [*s. d.*]. (Richard Burton Archives, WWE/2/1/4/4). Mimeografado.

WILLIAMS, Raymond. *Film and the cultural tradition*. Swansea-UK: [*s. n.*], 1971. (Richard Burton Archives, WWE/2/1/11/1). Mimeografado.

WILLIAMS, Raymond. Film as a tutorial subject. *Rewley House Papers*, Oxford, v. 3, n. 2, 1953. (Richard Burton Archives, WWE/2/1/7/1/31).

WILLIAMS, Raymond. *Legend*. Swansea-UK: [*s. n.*], 24 jan. 1955. (Richard Burton Archives, WWE/2/1/2/15). Script.

WILLIAMS, Raymond. O futuro dos estudos culturais. *In*: WILLIAMS, Raymond. *Política do Modernismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2011b. p. 171-187.

WILLIAMS, Raymond. *The Long Revolution*. London: Chatto & Windus, 1961.

WILLIAMS, Raymond; ORROM, Michael. *Preface to film*. London: Film Drama Limited, 1954. (Acervo da British Library).

ZOË, Druick; WILLIAMS, Deane. *The Grierson effect*: tracing documentary's international movement. London: British Film Institute, Pallgrave Macmillan, 2014.

Recebido em: 22 de março de 2020
Aprovado em: 27 de abril de 2020